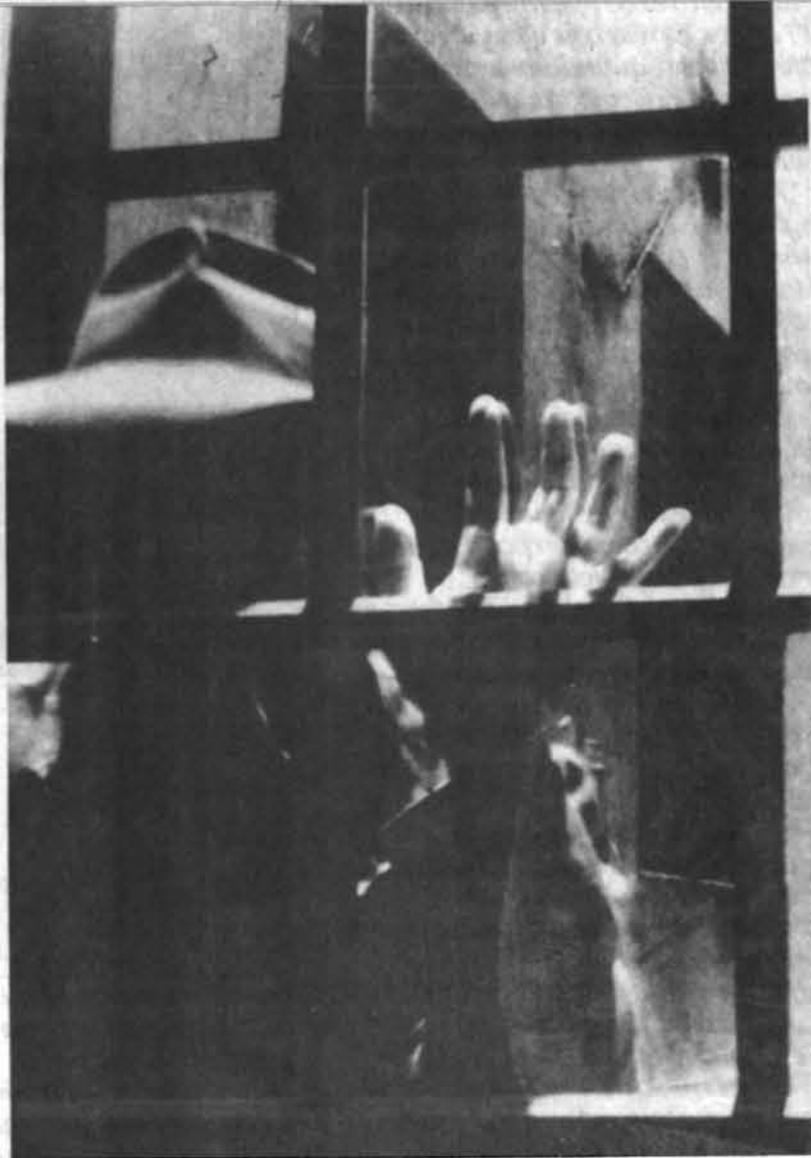


AS PRIMEIRAS FOTOS ABSTRATAS BRASILEIRAS

NA MOSTRA "FOTOFORMAS", NO MIS, COM FOTOS QUE GERALDO DE BARROS PRODUZIU ENTRE 1946 E 1951.



Auto-retrato de Geraldo de Barros, de 1949: pioneirismo.



Thalassa, foto em homenagem a Ezra Pound.

Em 1951, o Masp realizou uma exposição com fotografias do artista Geraldo de Barros, hoje com 71 anos e um dos nomes mais importantes da arte concreta brasileira. O pioneirismo da série de fotografias, intitulada **Fotoforma**, lhe rendeu uma bolsa de estudos na França e a admiração de artistas como Max Bill. Depois de mais de quarenta anos da primeira exibição, a série **Fotoformas** volta a ser mostrada na cidade, desta vez no MIS. São cem fotografias realizadas entre 1946 e 1951, praticamente inéditas, e que após a mostra farão parte do acervo do museu. A data marca também o pré-lançamento do livro **Fotoformas**, um registro da inauguração da fotografia abstrata no Brasil.

A mostra, que abre hoje, esteve no ano passado no Musée de l'Elysée, na Suíça, e parte dela integra seu acervo, onde o artista resolveu depositar os negativos. Depois do Brasil, **Fotoformas** viaja para Paris, para a Maison de l'Amérique Latine.

Conhecer nos anos 90 os experimentos fotográficos feitos por Barros na década de 40 é uma experiência no mínimo reveladora. A fotografia com intenções plásticas é considerada uma linguagem atual. O trabalho vanguardista da



As explorações fotográficas de Barros serviram de base para seu ingresso na arte concreta. Aquil, ponta seca em nanquim sobre negativo.

americana Cindy Sherman, por exemplo, que monta cenários e usa sua própria imagem como personagem das fotos que faz, se torna pouco inovador comparado ao de Barros. Ele se utilizou da criação de cenários, onde se incluía, e com tempos longos de exposição de filme conseguiu resultados que lembram cenas de filmes **noir**. Outro assunto que o interessou foi a textura de muros antigos, onde o cimento se mistura aos tijolos, criando imagens pictóricas. Sobre estes negativos,

Barros fazia interferências com grafite e tinta.

Esses experimentos foram ganhando características concretas com o passar dos anos. Fotografando várias vezes sobre o mesmo negativo feixes de luz formados por portas abertas que dividem um quarto escuro de um iluminado, Barros criou imagens abstratas com sobreposição de formas quadradas claras em fundo escuro. As experiências mais radicais aconteceram no início da década de 50, quando o artista cortava

um pedaço de um negativo e o reencaixava em seu espaço, só que invertido. Com isto, era criado um novo negativo.

Barros nunca mais fotografou. "Senti que esgotei as possibilidades que me interessavam e continuei na pintura", conta. As explorações fotográficas serviram de degrau para sua entrada na pintura concreta. Em 52, ao lado de Waldemar Cordeiro, Luis Sacilotto e outros, fundou o Grupo Ruptura, expoente da arte concreta no Brasil. A partir de 54, Barros passou a exercer atividades na área de artes gráficas e design. Participou do grupo Forminform, fundou a comunidade de trabalho Unilabor e a Hobjeto Indústria de Móveis. Em 66, integrou junto com Wesley Duke Lee e Nelson Leirner o Grupo Rex Time, que realizou os primeiros happenings em São Paulo. A partir do fim dos anos 70, Barros retomou os princípios fundamentais da arte concreta em sua pintura e passou a usar laminado plástico sobre compensados, trabalhos que vem fazendo até hoje.

Geórgia Lobacheff

GERALDO DE BARROS, FOTÓGRAFO. Abertura hoje às 20h no MIS. End: av. Europa, 158. Até 25 de setembro. De terça a domingo das 14h às 22h. Tel: 280-0896. Amanhã, às 20h, palestra no MIS de Charles-Henri Favrod, jornalista, escritor e diretor e conservador do Musée de l'Elysée.